

VEREDICTO SUSPENSO

Marina Costa Lobo

EUNICE GOES
**A Era Blair
em Exame**

Lisboa, Químera,
2003, 231 páginas

Quem pegar neste livro em qualquer livraria terá uma primeira reacção natural: como é possível analisar a era Blair se ela ainda está a decorrer? É verdade que este livro enforma desse problema de génese. Mas, curiosamente, este poderá ser, *a posteriori*, um factor decididamente vantajoso para o livro. As vicissitudes no Iraque e no Médio Oriente, bem como as consequências a nível de política interna do Reino Unido (conclusões do Relatório Hutton e mais recentemente do Relatório Butler) sobre o modo de actuação do primeiro-ministro inglês arriscam-se a ensombrar, e muito, o fim deste segundo mandato do New Labour. A política externa do Governo inglês neste segundo mandato arrisca-se a ser determinante, e nada benévola na forma como Tony Blair ficará para a história. Assim, o livro de Eunice Goes será útil para os historiadores compreenderem os objectivos, os sucessos e os falhanços das reformas estruturais empreendidas no Reino Unido entre 1997 e 2003.

A autora estruturou o seu trabalho de forma coerente, analisando em primeiro lugar as transformações ideológicas e

organizativas do New Labour, seguido da apresentação das principais áreas de políticas públicas que foram consideradas prioritárias por esse governo. Assim, *A Era Blair em Exame*, que retrata os primeiros seis anos de mandato de Tony Blair no Reino Unido, é uma interessante e viva abordagem ao tema, especialmente no que toca as reformas estruturais levadas a cabo no país.

NEW LABOUR: RUPTURA COM A SOCIAL-DEMOCRACIA

Em primeiro lugar, a autora faz uma excelente resenha bibliográfica do que tem sido escrito sobre o conceito de Terceira Via, e conta a forma como o velho Partido Trabalhista se tornou no moderno New Labour. Esta mudança crítica para ganhar eleições teve tanto de cosmética como de substância, obrigando à imposição de uma disciplina férrea aos membros do Parlamento e do partido em torno dos princípios do New Labour. Essencialmente, esses princípios tentam conjugar a probidade económica e financeira com políticas sociais que permitam igualar as oportunidades de todos os cidadãos. A autora conclui que estes prin-

cípios não podem ser considerados sociais-democratas – são antes uma ruptura com esta tradição.

Em relação aos serviços públicos, Eunice Goes é bastante crítica. Considera que o novo governo adoptou um comportamento de continuidade com a herança conservadora de Thatcher. Para além disso, Tony Blair pecou pela sua preferência explícita por projectos de parceria entre o sector público e o sector privado acima de outras formas de efectuar investimentos públicos. Dois estudos de caso são apresentados para corroborar esta tese, nomeadamente o dos investimentos na saúde e o da gestão no metro de Londres.

Já no que respeita às reformas constitucionais a viragem histórica é inquestionável. Como a autora explica, foram criadas autonomias administrativas na Escócia, no País de Gales e na Irlanda do Norte; foi encetada uma Reforma da Câmara dos Lordes; foi introduzida a eleição de *mayors* nas cidades; a Convenção Europeia dos Direitos Humanos foi incorporada na lei, para além de se ter aberto caminho para a criação de um Supremo Tribunal. Em qualquer país habituado a revisões constitucionais estas mudanças seriam consideradas radicais. No Reino Unido, onde desde 1688 não se dava uma revisão tão profunda da Constituição, as mudanças podem ser consideradas revolucionárias. É certo que não se procedeu à tão falada revisão do sistema eleitoral. No entanto, a descentralização administrativa e política operada já está a colocar pressão a nível nacional para uma decisão neste sentido. Também os avanços conseguidos na Irlanda do Norte podem ser

considerados um sucesso da era Blair. O Acordo de Belfast, promovido pelo Governo trabalhista, foi assinado por todos os partidos envolvidos e aprovado por 71 por cento da população em referendo.

O capítulo 6 é porventura o menos conseguido na medida em que trata as questões de política externa, e nesta área os desenvolvimentos são tão importantes que mereceriam um livro inteiro. Mesmo assim, Eunice Goes traça a evolução dos objectivos de Blair, a ideia de tornar o Reino Unido uma potência *pivot*, e de constituir uma ponte entre os Estados Unidos e a Europa.

AMBIÇÃO REFORMISTA

Em todo o livro perpassam duas ideias: a primeira é a de que as políticas implementadas são demasiado à direita. A segunda é a de que quando as políticas são positivas elas são claramente insuficientes, nomeadamente no caso das reformas constitucionais. Em relação à primeira, há desde logo que realçar um aspecto importante e que a autora parece negligenciar. As políticas implementadas por Tony Blair são porventura um reflexo da mudança na cultura política do Reino Unido ao longo da era Thatcher, que de resto também acontece na Europa, para valores mais à direita. E assim, é justo e natural que Blair reflecta essa vontade popular. Seria melhor uma governação claramente à esquerda contrarrente e contra o tal consenso popular? A autora parte do princípio que sim, mas sem explicar porquê.

A segunda ideia é a de que Blair não fez o suficiente. Esta é, decididamente, uma

questão de perspectiva. A mim, que vivi durante este período entre Portugal e Inglaterra, desde logo surpreende a quantidade de reformas operadas pelo Governo Blair entre 1997 e 2003. Coincide praticamente com os mandatos guterristas em Portugal e as diferenças são avassaladoras: poderá atribuir-se tudo a diferenças institucionais entre os dois países e ao facto de Guterres nunca ter tido maioria absoluta no Parlamento? Será que, numa sociedade civil tão forte como a inglesa, não existem as tais «forças de bloqueio» de que tanto se fala em Portugal quando o Governo desiste de reformar a meio do mandato? Para além disso, é preciso não esquecer que a autora está a examinar a era Blair em termos de reformas estruturais.

Em termos de gestão da conjuntura macroeconómica, sob Blair e Brown o Reino Unido tem vivido um crescimento económico sustentado. Ou seja, todas as reformas foram conseguidas mantendo uma política económica positiva e estável. Apesar das dificuldades recentes, Blair ainda consegue surpreender e marcar a agenda política. Há poucas semanas anunciou a realização de um referendo para a entrada do Reino Unido no Euro que certamente irá dividir e enfraquecer o principal partido da oposição.

Este livro ajuda a compreender as ambições do projecto trabalhista iniciado em meados dos anos 90, e a forma como estas ambições foram postas em prática. **RI**

JULHO DE 2004